



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO” – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEO-HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

(Linha de pesquisa – A Geografia no ensino fundamental e médio)

**ENSINAR GEOGRAFIA: A LUTA CONTRA O TRADICIONALISMO
ATRAVÉS DAS METODOLOGIAS E DOS RECURSOS DE ENSINO.**

ALCIONE PEREIRA DA COSTA

**Guarabira – PB
2011**

ALCIONE PEREIRA DA COSTA

**ENSINAR GEOGRAFIA: A LUTA CONTRA O TRADICIONALISMO
ATRAVÉS DAS METODOLOGIAS E DOS RECURSOS DE ENSINO.**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (Monografia), apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, como cumprimento de um dos requisitos necessários para obtenção do certificado de Licenciado em Geografia.

Orientador: **Prof^a. MS. Edinilza Barbosa dos Santos.**

**Guarabira – PB
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

C837e Costa, Alcione Pereira da

Ensinar geografia: a luta contra o tradicionalismo através das metodologias e dos recursos de ensino / Alcione Pereira da Costa. – Guarabira: UEPB, 2011.

53f. Il. Color.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso - TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Edinilza Barboza dos Santos”.

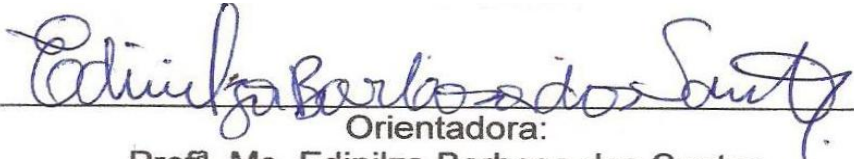
1. Geografia - Ensino 2. Recursos Didáticos
3. Metodologias de Ensino I.Título.

22.ed. CDD 372.891

ALCIONE PEREIRA DA COSTA

**ENSINAR GEOGRAFIA: A LUTA CONTRA O TRADICIONALISMO
ATRAVÉS DAS METODOLOGIAS E DOS RECURSOS DE ENSINO.**


COMISSÃO EXAMINADORA:


Orientadora:

Prof^ª. Ms. Edinilza Barbosa dos Santos
Departamento de Geografia-História/CH/UEPB


1^ª Examinadora

Prof^ª. Ms. Mônica de Fátima Guedes
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Departamento de letras e Educação/CH/UEPB


2^ª Examinadora

Prof^ª. Esp. Raquel Soares de Farias
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Departamento de Geografia – História/ CH/UEPB

Aprovada em: 26/05/2011

Guarabira – PB
2011

Dedico a realização deste trabalho aos meus pais Luzia e Antonio a quem lhes devo a vida e que muito me apoiaram, incentivaram, e me ajudaram nessa caminhada, aos meus avôs maternos pelo muito que foi feito, ao meu esposo Erinaldo, pela compreensão, ajuda e por me dar força para chegar até aqui apesar de todas as dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que com sua infinita sabedoria e misericórdia sempre presente em minha vida, me deu força, equilíbrio para vencer muitos obstáculos e chegar ao fim dessa árdua caminhada.

Aos meus pais: Antonio e Luzia que no decorrer de minha existência sempre estiveram presentes e muito me ensinaram na caminhada da vida.

A Erinaldo pelo amor, companheirismo, paciência carinho e estímulo e assim ao longo desse tempo segurou-me, amparou-me, e também, compreendeu minhas ausências.

Ao meu irmão Lenivaldo Costa que me ensinou diversas coisas e pela força neste trabalho.

As minhas estimáveis amigas, Alaíde e Nelma, e ao pequeno João Pedro pelo incentivo, por acreditaram em mim e por me darem sempre muita força.

A professora e orientadora: Edinilza Barbosa dos Santos pela orientação, motivação e direcionamento além dos estímulos necessários à realização do trabalho.

A turma 2006.2, pela convivência e pela aprendizagem, em especial as amigas de caminhada pela ajuda e pela companhia noites a fio via MSN.

Aos Professores da turma 2006.2, que contribuíram para a formação pessoal e profissional.

A todos os anônimos, que direta ou indiretamente, me apoiaram e me ajudaram para conclusão do curso.

Obrigado a todos!

(...)

Manhê! Tirei um dez na prova
Me dei bem tirei um cem e eu quero ver quem me reprova
Decorei toda lição
Não errei nenhuma questão
Não aprendi nada de bom
Mas tirei dez (boa filhão!)

(...)

Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
Decoreba: esse é o método de ensino
Eles me tratam como ameba e assim eu não raciocino
E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais
Com matérias das quais eles não lembram mais nada
E quando eu tiro dez é sempre a mesma palhaçada

(...)

Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida
Discutindo e ensinando os problemas atuais
E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais
Com matérias das quais eles não lembram mais nada
E quando eu tiro dez é sempre a mesma palhaçada.

Música: Estudo Errado - Gabriel O Pensador.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Siglas

EJA - Educação de Jovens e Adultos

LDB - Diretrizes e Bases Curriculares

PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais

MEC – Ministério da Educação e Cultura

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Lista de Fotos

Foto I: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo (polivalente). ----- 34

Foto II: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Soares de Carvalho. ----- 35

Foto III: Escola Estadual de Ensino Fund. e Infantil Jonh Kennedy----- 35

Lista de Gráficos

Gráfico 01 – Dificuldades encontradas no trabalho docente----- 38

Gráfico 02 – Recursos didáticos utilizados em sala de aula----- 39

Gráfico 03 – Importância atribuída pelos professores ao recurso didático----- 40

Gráfico 04 – Qual a importância do livro didático no ensino de Geografia----- 41

043 – GEOGRAFIA

TÍTULO: ENSINAR GEOGRAFIA: A LUTA CONTRA O TRADICIONALISMO ATRAVÉS DAS METODOLOGIAS E DOS RECURSOS DE ENSINO.

LINHA DE PESQUISA: A GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO.

AUTOR: ALCIONE PEREIRA DA COSTA.

ORIENTADOR: PROF^a. MS. EDINILZA BARBOSA DOS SANTOS- UEPB.

EXAMINADORES: PROF^a. MS. MÔNICA DE FÁTIMA GUEDES-UEPB, PROF^a. Esp. RAQUEL SOARES DE FARIAS-UEPB.

Resumo: O uso de elementos pedagógicos aliados a métodos democráticos e a postura correta dos professores é sem dúvida uma forma eficaz de desenvolver nos alunos o aprendizado. Foi pensando desta forma que partimos para a elaboração do presente trabalho. O qual tem como objetivo analisar o uso das metodologias e dos recursos didáticos utilizados pelos professores de Geografia da rede estadual de ensino no município de Guarabira - PB. O trabalho foi desenvolvido a partir de um levantamento bibliográfico, pelo qual foi adquirido o material que serviu de base para o seu desenvolvimento. Foram fundamentais neste trabalho referências como: Lopes (1998); Araújo (2007); Oliva (2008), entre outros autores que tiveram uma grande contribuição. Também foi realizada uma pesquisa de campo, na qual foi aplicado um questionário com os professores da disciplina em questão. A partir deste questionário foi possível perceber a forma como os mesmos executam suas tarefas além de suas opiniões a respeito dos recursos didáticos que utilizam no seu dia-a-dia. Então, com este material propomos uma reflexão acerca das metodologias que estão sendo desenvolvidas em sala de aula, procurando estimular a busca de outras novas (metodologias), para que o ato de ensinar seja sempre prazeroso e o ato de aprender seja cada vez mais estimulante.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Recurso didático; metodologias de ensino.

Abstract:

The use of pedagogical elements allied to democratic methods and the right attitude of teachers is undoubtedly an effective way of developing the students' learning. Was thinking this way that we leave for the preparation of this work. Which is to analyze the use of methodologies and teaching resources used by teachers of Geography at state schools in the city of Guarabira-PB. The work was developed from a literature review, which was acquired by the material that formed the basis for their development. They were crucial in this work as references: Lopes (1998); Araújo (2007); Oliva (2008), among other authors who had a great contribution. Was also carried out field research in which a questionnaire was given to the teachers of the discipline in question. From this questionnaire it was possible to see how they perform their tasks as well as their opinions about the educational resources they use in their day-to-day. So, with this material we propose a reflection on the methodologies being developed in the classroom, trying to stimulate the search for new ones (methods), so that the act of teaching is always pleasant and the act of learning is increasingly challenging.

Keywords: Teaching Geography Action didactic, teaching methodologies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO. -----	10
CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA DE ENSINO E RECURSO DIDÁTICOS: -----	12
1.1 - Diferenciando metodologia de recurso de ensino. -----	12
1.2- Uma abordagem das metodologias tradicionais na escola-----	17
1.3- As metodologias inovadoras de ensino-----	19
CAPITULO 2 – O ENSINO DE GEOGRAFIA E OS RECURSOS DIDÁTICOS -----	23
2.1. Breve histórico do ensino de Geografia no Brasil-----	23
2.2. Os recursos didáticos no ensino de Geografia. -----	29
CAPÍTULO 3 – OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA: PESQUISA IN LOCU -----	34
3.1 Área de estudo-----	34
3.2 Perfil dos professores pesquisados -----	36
3.3 Resultados e discussões -----	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	43
REFERÊNCIAS -----	45
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

Atualmente a educação passa por avanços significativos e apresenta melhoras expressivas a partir da necessidade de construção de uma sociedade mais democrática, movida pela preocupação em educar o homem, para que esse se torne agente consciente de seus atos, deveres e direitos. Em meio a tantos desafios propostos em torno do ensino atual, muitos estudos são desenvolvidos, se fazendo necessário, uma reflexão sobre novas técnicas para melhoramento da metodologia empregada nas aulas de Geografia e para que haja uma maior inclusão dos alunos no método de construção do saber e no processo de ensino-aprendizagem (SANTOS, 1994; VESENTINI, 2008).

Classificando-a como um fator amplo e complexo a educação pode ser deliberada como um artifício pela qual a sociedade configura suas formas, moldando seus membros e os adequando conforme seus interesses, tornando o homem um ser social atuante e levando-os aceitar fins coletivos, capazes de viver em equilíbrio com outros membros e com a natureza assim é a escola com sua complexidade que facilita esse processo ao exercer a função de mediadora entre o indivíduo e o saber. (PINTO, 1987; SANTOS & NUNES, 2006).

Assim, frente aos desafios e dificuldades encontrados pelos docentes em sala de aula, a utilização de recursos didático-pedagógicos se torna uma forma de auxiliar nesse entendimento. Partindo dessa concepção o trabalho tem por objetivo analisar a relação entre métodos de ensino e recursos didáticos utilizados nas escolas estaduais da cidade de Guarabira-PB; além de avaliar o método de ensino de Geografia desenvolvido pelos professores; compreender a importância do uso de recursos pedagógicos nas aulas de Geografia e que benefícios isso pode trazer para a formação dos alunos.

Este trabalho está dividido em três capítulos: No primeiro capítulo fizemos uma breve explanação diferenciando metodologia de recurso de ensino, assim como uma abordagem das metodologias tradicionais na escola e dos procedimentos inovadores de ensino. O segundo capítulo mostrou o ensino de Geografia e os recursos didáticos utilizados na sala de aula, um breve histórico do surgimento da geografia escolar no Brasil e, a importância do uso dos meios pedagógicos no ensino de Geografia para que se eleve a qualidade do ensino da referida disciplina e os diferentes artifícios para que isso seja possível.

No terceiro capítulo foi feita uma discussão dos resultados obtidos com a pesquisa *in locu*, realizada através da aplicação de questionários, tendo como público alvo os professores de Geografia das Escolas Estaduais do referido município que trabalham com ensino Fundamental maior (6º ao 9º ano) no ensino regular e na modalidade especial de Ensino de Jovens E Adultos – EJA.

O embasamento teórico do trabalho se deu através do estudo de alguns autores que abordassem a temática como: FREIRE (1967), BRASIL (1998), KÜESTER & CASTELEINS (2001), LIBÂNEO (2002) BITTENCOURT, (2004), PESSOA (2007), OLIVA (2008), FIGUEIREDO & ALBUQUERQUE (2009) que discutem diferentes metodologias de ensino e recursos didáticos.

A perspectiva desse trabalho é poder contribuir para a melhoria das aulas de Geografia em futuras docências, entender práticas e propor reflexões, no que diz respeito às práticas pedagógicas e a utilização de novos recursos didáticos. Com isso pretende somar sugestões para o enriquecimento da prática dos professores de Geografia e tentar estimular o interesse dos alunos.

CAPÍTULO 1 - AS METODOLOGIAS DE ENSINO E OS RECURSOS DIDÁTICOS

A prática pedagógica do professor engloba diferentes formas de conhecimentos, tanto aqueles adquiridos nas academias e em cursos de formação profissional quanto os que são adquiridos em seu cotidiano e na convivência com seus alunos. De uma forma geral essa atividade pode tomar moldes diferentes de acordo com a concepção que segue cada profissional de acordo com a organização da aula foi o exercício escolhido, os conteúdos selecionados e quais instrumentos serão usados no processo de ensino-aprendizagem.

1.1 Diferenciando metodologia de recurso de ensino.

Segundo Libâneo (2002) podemos encontrar nas escolas diversos tipos de professores, desde os mais tradicionais que conduzem suas aulas sempre da mesma forma, independente de qual seja a série ou idade dos alunos, e como se não bastasse na maioria das vezes o conteúdo é decorado e depois reproduzido em uma prova, a este procedimento o autor denomina “mecânica repetitiva”, aos mais progressistas que estão mais preocupados com a realidade dos educandos, mas que para ele não foge muito do tradicional na hora de cobrar os resultados.

De certo modo a metodologia empregada pelo professor em sala de aula acaba por influenciar de alguma forma na aprendizagem dos alunos, assim podemos dizer que cabe ao professor a tarefa de buscar novas formas de ensinar e de procurar desenvolver nos alunos o senso crítico e a capacidade de construir conhecimento, levando em conta a realidade onde o aluno está inserido e sua capacidade (BRASIL, 1998; LIBÂNEO, 2002).

Neste sentido Libâneo afirma:

O papel do professor, portanto é o de planejar, selecionar e organizar os conteúdos, programar tarefas, criar condições de estudo dentro da classe, incentivar os alunos, ou seja, o professor dirige as atividades de aprendizagem dos alunos a fim de que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem (LIBÂNEO, 2002, P 06).

Segundo o dicionário Aurélio de língua portuguesa, metodologia é o conjunto de métodos, regras e postulados utilizados em determinada disciplina e sua aplicação. Assim as metodologias de ensino podem ser entendidas como a maneira,

pelo qual o profissional segue sua aula, que conceitos ele adota e que meios usa para conseguir seus objetivos e desempenhar seu trabalho. Para Veiga (1998, p. 27) a metodologia de ensino é entendida como um conjunto de regras e normas prescritivas visando à orientação do ensino e do estudo.

Metodologia do ensino, pois, nada mais é do que o conjunto de procedimentos didáticos, expressos pelos métodos e técnicas de ensino, que visam levar a bom termo a ação didática, que é alcançar os objetivos do ensino e, conseqüentemente, os da educação com o mínimo de esforço e o máximo de rendimento (FIGUEIREDO & ALBUQUERQUE, 2009, p.04).

Na árdua tarefa de educar para atender às necessidades dos educandos é preciso que o professor leve em conta alguns critérios, como as condições sociais, econômicas e psicológicas dos envolvidos, para desenvolver uma boa aprendizagem. Além da escolha dos conteúdos a serem ministrados, outro fator importante é também a seqüência lógica em que esses assuntos devem ser apresentados, considerando o grau de entendimento anterior dos alunos. (MARTINS, 1998).

Para Amaral (2006) existem muitos aspectos associados ao termo metodologias de ensino, os quais foram arquitetados de acordo com as visões educacionais predominantes em cada período, assim os seus conceitos variam, e diferentes abordagens são feitas de acordo com o contexto em que estão inseridos, dessa forma algumas mudam conforme as perceptivas de cada época, mas é eminente a permanência de algumas abordagens.

De acordo com alguns autores é possível identificar pelo menos quatro visões diferentes de metodologia de ensino, associadas aos importantes paradigmas educacionais que lhes dão suporte: tradicional, escolanovista, tecnicista, e progressista, e cada uma a seu modo trouxe contribuições para educação de uma forma em geral.

A metodologia tradicional é marcada pela presença de atividades transmissoras de informações sem nenhuma preocupação com o desenvolvimento crítico dos alunos. As aulas geralmente são expositivas, o professor é o agente reproduzidor de um plano pronto, e suas avaliações envolvem a representação de conteúdos memorizados. (LIMA et al, 2008; KÜESTER & CASTELEINS, 2001).

Contrapondo-se ao paradigma tradicional a metodologia escolanovista surge por volta de 1930, com um ensino focado no homem considera o interesse dos

educandos e busca estimular o aprendizado por meios de experiências adquiridas da relação professor e aluno. Nesta perceptiva o professor aparece como um agente facilitador dessa aprendizagem auxiliando o desenvolvimento espontâneo dos envolvidos. Assim o aluno torna-se a figura principal no processo de ensino-aprendizagem.

Tal pensamento pode ser observado em BEHRENS:

A metodologia do paradigma escolanovista centra-se nas unidades de experiências que o professor vai elaborar junto com os alunos, para buscar a aprendizagem. Atribui grande importância aos métodos, as unidades de experiências e aos trabalhos em grupo, oferecendo as atividades livres que atendam ao ritmo do próprio aluno (BEHRENS, 2003, p.49).

Assim, para que aconteça a aprendizagem é proposta a solução de problemas, a resolução dessas questões provoca a participação efetiva do alunado, estimula o conhecimento por meios de ações individuais e contribui para o desenvolvimento das habilidades e aptidões intelectuais dos alunos. Embora trate o aluno de forma individual, essa metodologia valoriza o trabalho em equipe, mas considera as características de cada indivíduo, uma vez que essas variam de acordo com a idade, a família, a cultura e etc. (BEHRENS, 2003; SOUZA et al 2009).

Fundamentada no positivismo a metodologia tecnicista propõe que a ação pedagógica seja inspirada em princípios racionais e eficientes, a escola tem o papel de moldar o comportamento dos indivíduos habilitando-os para o sistema produtivo. Para Souza et al (2009, p.02) esse enfoque objetiva enfatizar o desenvolvimento de competências e atitudes para formar o profissional e este atuar no mercado de trabalho. A atividade do professor é caracterizada por sua ação instrumental e o aluno diante desse condicionamento passa a ser um espectador dessa realidade material sendo privado de criatividade e estímulos (LIBÂNEO, 2006).

Na metodologia tecnicista a comunicação professor-aluno tem um sentido exclusivamente técnico, que é o de garantir a eficácia da transmissão do conhecimento (LIBÂNEO, 2006; p.30). Nessa abordagem o ensino é repetitivo e mecanizado e a assimilação dos conteúdos se dá pela reprodução repetida de exercícios. O método avaliativo exige a memorização de conteúdos e a retenção de informações, dessa forma despreza a formação de espírito crítico nos educandos, o

que causa, conseqüentemente, um alto índice de reprovação (KÜESTER & CASTELEINS, 2001).

Partindo para outro conceito temos a tendência progressista com seus alicerces baseados em diferentes formas de diálogos. A mesma leva em consideração a ação livre e democrática e a formação do homem consciente e capaz de mudar a sua realidade, visando à transformação social por meio da educação, seu precursor foi o educador Paulo Freire que em seu discurso diz que: “O saber democrático jamais se incorpora autoritariamente, pois só tem sentido como conquista comum no trabalho do educador e do educando” (FREIRE, 1967, p.12).

O educador assume o papel de mediador entre o saber formado e o conhecimento a ser obtido; as avaliações são contínuas, e o educando é participante da ação educativa. Assim para Küester & Casteleins (2001, p.04) o desenvolvimento de opiniões se apresenta compartilhado de idéias, informações, responsabilidades, decisões e cooperação entre indivíduos, e a escola passa a ser um ambiente de diálogo, trocas de informações e de evolução mútua.

Em seu discurso acerca das metodologias de ensino, Moura (2009, p. 22) destaca que no campo da educação escolar defendemos a metodologia como uma prática político-pedagógica inserida na prática social, cujo objetivo de estudo principal é o ensino-aprendizagem. Desse modo as metodologias podem ser entendidas como a maneira que alguns profissionais seguem para alcançar seus objetivos no ensino e posteriormente na educação, usando para isso técnicas e métodos os quais para o autor são inseparáveis.

Foi a partir dos anos 1960 impulsionados pelas críticas acerca dos métodos de ensino empregados em sala de aula, que alguns educadores passaram a dar uma importância maior à renovação das metodologias, o que acabou por influenciar na criação de meios para inovar o ensino. Porém mesmo com as inovações propostas, muitos são os problemas que giram em torno da educação atual, entre eles está à confusão que se faz acerca de método de ensino inovador com o uso de novos recursos no ensino (BITTENCOURT, 2004).

Usados desde os tempos mais remotos e evoluindo de acordo com o tempo em que a sociedade está inserida, os meios pedagógicos funcionam como ferramentas de apoio para o trabalho didático dos professores, ajudando a desempenhar de maneira proveitosa sua prática, assim precisam ser escolhidos com

cuidado e de forma minuciosa, procurando adequá-los ao conteúdo, ao grau de desenvolvimento dos alunos envolvidos (BRASIL, 1998; GOLENIA, 2009).

De acordo com os PCNS:

Atualmente, a tecnologia coloca à disposição da escola uma série de recursos potentes como o computador, a televisão, o videocassete, as filmadoras, além de gravadores e toca-fitas, dos quais os professores devem fazer o melhor uso possível. No entanto, é igualmente importante fazer um bom uso de recursos didáticos como quadro de giz, ilustrações, mapas, globo terrestre, discos, livros, dicionários, revistas, jornais, folhetos de propaganda, cartazes, modelos, jogos e brinquedos (BRASIL, 1998, p.96).

Os recursos pedagógicos desempenham um papel importantíssimo no processo de ensino, porém o seu uso deve ser claro e cauteloso sempre respeitando os limites dos envolvidos. Assim o uso de recursos sejam estes tecnológicos ou não só funciona se usado da maneira correta. De nada adiantara, vídeos, computadores entre outros se não estiverem sendo usados como um complemento durante as aulas (BRASIL, 1998).

Para Lima *et al* (2008) recurso didático é todo material que o professor tem à sua disposição e que sirva de auxílio à sua prática de ensino. Assim podemos descrever os recursos didáticos, sejam eles tecnológicos ou não, como acessórios junto às aulas e que funcionam como uma maneira de proporcionar ao alunado mais entendimento e ao professor, as diferentes formas de estimular o aprendizado dos envolvidos.

Amaral afirma que:

É difícil imaginar alguma situação de ensino sem a presença de algum recurso didático, mesmo que sejam coisas tão simples quanto lousa, giz e apagador. Mesmo os recursos didáticos mais rudimentares são veículos de algum conteúdo, desenvolvidos segundo determinada abordagem, para o que requer uma técnica de ensino (AMARAL, 2006. P.05).

Aliados a postura correta dos professores, tais meios funcionam como estímulos para os alunos desenvolverem senso crítico e para que as aulas se tornem proveitosas e aprazíveis para alunos e professores, desse modo o ensinamento se solidifica, as abordagens se fazem de uma maneira agradável, ágil e

sem enfadar nenhum dos lados, aulas prazerosas tendem a desenvolver de maneira mais rápida o raciocínio, e a criatividade dos alunos (BRASIL, 1998; MAGALHÃES, 2004; GOLENIA, 2009).

Com a modernização a que a sociedade está submetida, os meios eletrônicos se tornaram recursos muito atrativos devido a sua diversidade e as amplas possibilidades de uso, DVD, rádio, câmeras fotográficas, computadores entre outros, oferecem um leque de oportunidades aos educandos e educadores, mas é necessário que o uso de novas tecnologias não burocratize as metodologias pedagógicas, inferiorizando o conhecimento a outros objetivos que seja não a educação como um fator social (OLIVA, 2008).

1.2 Uma abordagem das metodologias tradicionais na escola.

Associado sempre a aulas expositivas, ao uso de quadro e giz e ao livro didático, a metodologia tradicional de ensino tem suas raízes na educação instituída pelos jesuítas, no período colonial. Com características técnicas, marcada pela ausência do pensamento crítico e que valorizava o exercício da memorização e tem como perspectiva a concepção de um homem humanista e cristão, como afirma Veiga (1998, p. 26). A educação se preocupava com o ensino humanista de cultura geral, enciclopédico e alheio a realidade da vida de colônias.

Nessa época o ensino era voltado para a valorização do patriotismo, o ensino era basicamente mnemônico, ou seja, os alunos decoravam os conteúdos, tal postura era muito valorizada uma que se acreditava que outra metodologia que apontasse uma compreensão do espaço poderia comprometer a maneira de pensar dos educandos, representando uma ameaça às classes dominantes, os pais também valorizam esses métodos uma vez que eram motivo de orgulho as muitas informações decoradas por seus filhos (QUINTÃO & ALBUQUERQUE, 2009).

Uma característica marcante na abordagem tradicional é o elo que se faz entre o conteúdo e o método empregado. Nessa relação é marcante a posição autoritária do professor para com os alunos, fazendo com isso que se forme nesse processo uma subordinação de saberes. Nesse sentido o aluno está na sala de aula como espectador, um receptor de informações prontas e imutáveis, passivo de qualquer reação contraditória as idéias do educador. Para Lopes (1998) Esta metodologia tem se caracterizado pela predominância de atividades transmissoras

de conhecimentos, com pouco ou nenhum espaço para discussão e análise crítica dos conteúdos.

Assim nessa abordagem, o ensino é construído através do repasse de informações do educador para o educando, tem sua base firmada no verbalismo do mestre e na absorção dos conteúdos pelos alunos, onde prevalece a idéia do professor na escolha das temáticas a serem trabalhadas, mesmo que na maioria das vezes tal abordagem esteja totalmente desvinculada da realidade onde os alunos estão inseridos, como podemos perceber em Souza et al (2009, p.03) ao afirmar que:

O objetivo do enfoque tradicional na prática docente é a transmissão do conhecimento pelo professor, o qual deve ser assimilado pelos alunos. A base desse enfoque está na seleção dos conteúdos, no ensino enciclopédico, sendo estes, geralmente, descolado do cotidiano dos alunos. O docente privilegia a aula expositiva tornando assim, o aluno um memorizador dos conteúdos.

Nesse contexto o professor está sempre seguindo livros, revistas ou até outras fontes, sem nenhum questionamento, as informações são repassadas, obtidas (decoradas) e depois transpostas diretamente do texto em forma de perguntas, sem que o aluno tenha a oportunidade de formar suas opiniões e de expor suas conclusões, o que acaba impedindo os mesmos de desenvolverem suas capacidades e formar seus conceitos a cerca da temática.

Nessa direção Barros Junior enfatiza:

A aprendizagem é mecânica e receptiva, para o que se recorre freqüentemente a coação. A transferência de aprendizagem depende do treino; a memorização é indispensável a fim de que o aluno possa responder às situações novas de forma similar as respostas dadas em situações anteriores (BARROS JUNIOR, 2001, p. 21)

Na modalidade pedagógica tradicional é possível perceber que os conteúdos propostos não estabelecem nenhum vínculo com a realidade social dos indivíduos, na maioria das vezes esses assuntos são escolhidos sem a participação dos professores e esses na sua maioria seguem a risca o sumário do livro didático, sem procurar inserir o educando no contexto. Muitas vezes os recursos disponíveis para o bom desempenho da prática funcionam como meras ilustrações em sala de aula e

que quando usados, nem sempre seu uso está correto ou são adequados à temática (LOPES, 1998; QUINTÃO & ALBUQUERQUE, 2009).

Outro fator bastante marcante na metodologia tradicional é o uso do livro didático e seus conteúdos como partes imutáveis, além da postura mantida pelo professor ao usá-lo apenas como forma de reproduzir idéias, e como forma de repetir a opinião do autor tal como está escrito sem procurar refletir ou questionar a seu respeito. Dessa forma todas as aulas se tornam palco de transferência de um conhecimento pronto e acabado e sem nenhum vínculo com o cotidiano daqueles a quem se destina.

Caporalini ao relatar sua experiência durante uma pesquisa diz:

Eles pareciam esquecer que para a assimilação dos assuntos, importa não só a quantidade como também a qualidade, que o relacionamento com a realidade vivencial do aluno é necessário a fim de levá-lo a pensar criativamente, a resolver problemas, a manipular idéias, a fim de propiciar-lhes também liberdade para explorar e experimentar enfim, de conduzi-los à reflexão e à ação (CAPORALINI, 1998, p. 101).

Muitas vezes são negadas aos educandos explicações e oportunidades de um conhecimento mais abrangente da realidade, um posicionamento crítico a cerca do assunto em questão. Essa prática tende a dificultar o entendimento e levar a persuasão das massas sobre a exploração dos mecanismos capitalistas, tirando-os a visão de que o mundo é igual pra todos, não causando ameaças as classes privilegiadas (CAMPORALINI, 1998). Segundo Cury (2000, p.11) “a educação não passaria de um mecanismo que ajusta os indivíduos a ordem social vigente, pela transmissão de um saber definido pelo poder político estabelecido”.

1.3 As metodologias inovadoras de ensino.

Após muitas tentativas de melhoramento e longos anos de discussão a cerca das metodologias empregadas em sala de aula, contrapondo-se aos interesses de uma massa dominante, para atender às privações de uma classe dominada com a preocupação em formar conceitos para compreender a dinâmica da sociedade, e formular respostas para seus problemas, surge na educação novas

metodologias de ensino capazes de ajudar nesse processo (CAVALCANTI, 1998; QUINTÃO & ALBUQUERQUE, 2009).

Nagen, Carvalhes & Dias, acrescentam:

O desenvolvimento de metodologias inovadoras vem ao encontro do atendimento às necessidades do aprendiz como ser único, singular, diferente, que recorre a diferentes estratégias de aprendizagem e exibe diferentes habilidades ao resolver problemas (NAGEN, CARVALHES & DIAS, 2001, p.198).

A necessidade de indivíduos conscientes e ativos capazes de lutar por cidadania e acima de tudo reconhecer o seu papel na sociedade fez com que as metodologias tradicionais empregadas por alguns professores perdessem pouco a pouco espaço mediante uma postura diferenciada e renovada em diversas áreas da educação escolar, como na Geografia, caso que pode ser constatado no discurso de Oliva:

Há muito, os professores, insatisfeitos com o modelo tradicional e pouco produtivo de geografia escolar e pressionados pela necessidade de ensinar, educar e explicar a realidade que nos cerca, vem buscando novos referenciais para construir suas aulas. (OLIVA, 2008, p. 42).

Outro fator bastante marcante nesse processo de adoção de novas metodologias e de novas técnicas foi o crescimento industrial, assim como a modernização e o avanço das novas tecnologias, com isso surge a necessidade de pessoas qualificadas e capazes de assumir posturas cada vez mais determinantes na sociedade e em postos de trabalhos, indivíduos que tenham a capacidade de inovar e que acima de tudo possuam habilidades de organização e construção, valores estes eminente ao ser humano consciente (ARAÚJO, 2007).

As novas abordagens de ensino visam desenvolver nos educandos alguns pontos positivos, tais como a capacidade de discutir a realidade, formular e resolver questões usando para isso um pensamento coerente, a criatividade e o senso crítico, além da aptidão em assumir a postura apropriada para resolver conflitos, através do diálogo e tomar decisões coletivas. Dessa maneira, adotando no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito (BRASIL, 1998).

O educador deve ter consciência da necessidade que existe em repensar as relações existentes na escola e no processo de ensino-aprendizagem, procurando desenvolver práticas inovadoras que levem a uma educação libertadora, capaz de formar opiniões e senso crítico nos educandos e onde professores e alunos articulem suas informações fazendo da sala de aula um lugar de troca de conhecimentos e exercícios democráticos. (MAIA; MENDONÇA & GÓES, 2005).

Acrescenta Barros Junior:

Nessa concepção de ensino a ação do professor deve centrar-se nas experiências e desafios cognitivos, que devem ser articulados pelo docente enquanto situações problemas. Logo a idéia de “aprender fazendo” é uma constante, por isso é valorizado as tentativas experimentais, a pesquisa, a descoberta, o estudo do meio natural e social, o método de solução de problemas (BARROS JUNIOR, 2001 p.22).

Assim nesse processo as escolhas de técnicas que manipulem a criatividade e a absorção de conhecimento, assim como a capacidade de raciocínio que levem os alunos, a discordar e concordar de algumas questões, e a expor suas opiniões sem receio é de grande importância. Para Castanho (2007, p.94) a prática do debate enriquece o trabalho intelectual, pois permite que a análise abarque diferentes pontos de vistas.

Segundo Lopes:

A aula dialogada favorece a compreensão dos determinantes sociais porque permite o questionamento; ao mesmo tempo em que proporciona a aquisição de conhecimentos, favorece sua análise crítica, resultando na produção de novos conhecimentos; elimina a relação pedagógica autoritária; valoriza a experiência e os conhecimentos prévios dos alunos; estimula o pensamento crítico dos alunos por meio de questionamentos e problematizações (LOPES, 2007, P.45).

Embora a aula expositiva esteja diretamente associada à metodologia tradicional de ensino, esse artifício pode ser usado como forma de instigar o raciocínio crítico dos envolvidos, se usada entre alunos e professores como forma mediadora de conhecimentos e experiências. Na aula expositiva dialogada procura-se relacionar a vivência do aluno com a temática estudada. Com esse dinamismo

são despertados, atributos essenciais para uma educação transformadora (LOPES, 2007).

O uso de ferramentas que auxiliem na construção do conhecimento, que fujam da rotina tradicional e que ajudem a prender a atenção dos alunos é um ótimo incremento durante as aulas, porém deve-se fazer uma ligação entre o assunto que está sendo estudado e o recurso utilizado, para que o seu uso não se torne uma maneira de passar o tempo durante as aulas (BORGES NETO, 2008)

É importante ressaltar que, seja qual for a concepção da educação e independente da técnica usada para desenvolver a metodologia de ensino, que essa seja voltada para a formação íntegra do educando, é importante que a sala de aula seja um ambiente propício a essa aprendizagem, um ambiente agradável onde se respeite as individualidades e o caráter dos envolvidos independente de cor, raça ou opção sexual (BRASIL, 1998).

CAPITULO 2 - O ENSINO DE GEOGRAFIA E OS RECURSOS DIDÁTICOS

A partir desse momento pretendemos fazer um breve resgate do ensino de Geografia escolar no Brasil, procurando entender a sua configuração nos diversos momentos históricos da educação brasileira, mostrando as barreiras, desafios e adversidades enfrentadas ao longo desse percurso.

Com as diversas mudanças ocorridas na atualidade, a educação passa por algumas transformações e nas últimas décadas, com a sociedade marcada pelos artifícios da informação e da comunicação, é que se exige cada vez mais a formação de cidadãos conscientes e atuantes. O ensino de Geografia tem se apresentado de forma mais democrática e preocupado com a complexidade do universo em que estão inseridos estes indivíduos, com isso a procura de incrementos que ajudem o professor nessa atuação faz parte de uma incansável busca para o melhoramento da prática pedagógica.

2.1 Breve histórico do ensino de Geografia no Brasil.

No início da colonização coube aos Jesuítas a inclusão da educação escolar no Brasil e aproximadamente na primeira metade do século XVI organizaram o primeiro sistema escolar no país. Os Jesuítas instituíram por volta de 1599, o primeiro plano de estudos da companhia de Jesus, conhecido como Ratio Ataque Institutio Studiorum Societatis Lesu, que se constituía em leis que passaram a reger os colégios existentes em solo brasileiro e que não idealizou em seu currículo escolar a Geografia como disciplina independente (PESSOA, 2007).

Por volta de 1832 a Geografia foi integrada ao currículo oferecido pelo Ratio Studiorum, porém o ensino era baseado num modelo europeu, guiado pelo saber produzido pelos gregos, o seu papel era apenas oferecer uma cultura geral aos alunos. Os conhecimentos geográficos eram ligados às orientações clássicas, descreviam e enumeravam fatos, e não traziam em sua estrutura nenhum elemento do território brasileiro (PESSOA, 2007; ALBURQUERQUE & OLIVEIRA, 2009).

Ressalte-se, porém que não interessou aos jesuítas, até por causa de seu currículo internacionalista, falar em suas aulas de uma geografia brasileira (seja desenvolvendo um estudo descritivo da colônia de então, seja

trabalhando uma cartografia local). Inaugurava-se com eles, também, o ensino que somente se propunha a falar da geografia produzida por outros povos, característica tão marcante assumida por esta disciplina no Brasil (ROCHA, 1996, p.136 apud PESSOA, 2007, p. 31).

Como é possível observar durante o período dominado pelo sistema educacional implantado pelos jesuítas, a Geografia não exerceu um papel independente entre as demais disciplinas e seu ensino era considerado como secundário no currículo existente, com a intervenção do Marques de Pombal na educação do país, o ensino passou por uma desestruturação, uma vez que, com expulsão dos Jesuítas pelo mesmo, passou a vigorar o sistema de aulas régias. A respeito desse fato Albuquerque & Oliveira dizem:

Ocorreu, nesse sentido, uma ruptura no ensino, sendo essa mudança mais estrutural do que propriamente ideológica, uma vez que, foram os padres, formados pelos jesuítas que continuaram a ensinar no sistema de Aulas Régias (ALBURQUERQUE & OLIVEIRA, 2009, p. 04).

Passou assim a atuar na educação da época um sistema fragmentado, uma vez que as aulas régias não estabeleciam nenhuma relação entre si, cada uma constituía uma unidade de ensino e era ministrada por um único docente, leigo e mal instruído. Este era um sistema precário, com recursos escassos e sem professores preparados para atuar, além da falta de um currículo adequado (CHAGAS, 1980).

Um fato relevante para a Geografia brasileira foi a publicação do compêndio *Chorographia Brasilicada* Padre Manuel Aires de Casal, por volta do século XIX, baseado nos desígnios clássicos da Geografia extremamente sistemática, e mnemônica, e que serviu como modelo a ser seguido por diversos autores de livros de Geografia, o que Vlach (2004, p. 190) considera como “uma geografia que muitas vezes, não poderia nem ser, sequer, classificada como descritiva, dado que Aires de Casal não acompanhava os debates científicos da época”.

A criação do Colégio Imperial Pedro II em 1837, localizado no Rio de Janeiro e a inclusão da Geografia como disciplina autônoma em seu currículo, através do artigo 3º do decreto de 2 de dezembro de 1935 foi um marco importante em sua trajetória, segundo os padrões do ensino francês, a escola foi criada para ser uma instituição padrão e para servir de modelo para as demais escolas públicas no país. Sua educação era voltada ao ensino secundário servindo como suporte aos alunos para entrarem nas universidades (VLACH, 2004; PESSOA, 2007).

Nesta instituição o ensino de Geografia era fundamentado nas metodologias do padre Manoel Aires de Casal, baseava-se em nomenclatura e no ensino mnemônico. A partir da necessidade de mudança no método de ensino praticado, surgiram propostas que levariam à novas abordagens geográficas, merecendo destaque o livro didático *Compendio de Geografia elementar* de Manoel Said Ali Ida, onde este inaugura a orientação moderna da Geografia no Brasil (VLACH, 2004; ALBURQUERQUE & OLIVEIRA, 2009).

A educação brasileira passou por algumas reformas ao longo de sua história, e os reflexos para a Geografia escolar em seu processo de evolução são diversos, a primeira delas foi organizada por Benjamin Constant; em 1890, e estabelecia que a disciplina fosse ministrada em todas as séries do ensino secundário. Fazia parte do programa para os primeiros anos, temas como a Geografia física, em particular a do Brasil, além de exercícios de Cartografia e Astronomia e para o segundo ano Geografia política e econômica, Cartografia e exercícios de Astronomia Concreta (PESSOA, 2007).

A segunda reforma foi nomeada como Reforma Epiácio Pessoa, ocorreu em 1901 e propôs ao ensino de Geografia apenas algumas alterações em relação a antecedente, reduziu as aulas da disciplina aos primeiros anos do ensino e eliminou as revisões presentes na primeira reforma. Conhecida como Rivadávia da Cunha Corrêa, a terceira reforma aconteceu em 1911, não apresentou nenhuma modificação ao ensino de Geografia em relação a anterior, foi determinada sua participação nas três primeiras séries secundárias (PESSOA, 2007).

A quarta reforma denominada de “Reforma Carlos Maximiliano”, ocorreu em março de 1915, destacando-se entre as mudanças ocorridas na educação desse período a redução do curso secundário de seis para cinco anos de duração, o que para Geografia levou a disciplina a uma diminuição em relação a reforma anterior, uma vez que houve uma redução no número de séries onde a mesma era ensinada, levando a matéria apenas para os dois primeiros anos do curso secundário (PESSOA, 2007).

A Geografia escolar no país começa a alcançar um valor maior por volta da década de 1920 com a última reforma a que passaria a educação na República velha. Foi estabelecida em 1925, pelo professor Rocha Vaz, outra alteração na duração dos cursos secundários de cinco para seis anos, ainda foram exterminados os exames preparatórios e a adoção do regime seriado em todo território. Foi

evidente nessa época a idéia do nacionalismo patriótico. Para Pessoa (2007, p. 44) “a função que deveria ser atribuída ao professor de geografia: era o de catequizador da juventude presente em nossas salas de aula.”

Para Pessoa foi a partir desse período que começou a se desenhar uma nova concepção de Geografia escolar no Brasil:

Embora, ainda se fizesse muito presente a influência da geografia descritiva em nossas salas de aula, é importante destacar que a partir do início do século XX, a sua presença não seria mais absoluta em nossas escolas, naquele instante já se fazia emergir no interior da disciplina, uma geografia escolar fundamentada na concepção moderna de ensino, que seria finalmente submetida à orientação do Estado através dos currículos escolares brasileiros (PESSOA, 2007, p.45).

Neste sentido o professor e também diretor do colégio Pedro II Delgado de Carvalho, foi peça importante à Geografia e ao saber escolar, foi pioneiro em considerar no Brasil uma Geografia de caráter moderno, publicou em 1925, um dos mais importantes trabalhos editado no País no século XX, intitulado de Metodologia do Ensino Geográfico, concentrou suas censuras nas concepções da Geografia administrativa preocupada com a descrição do território brasileiro (PESSOA, 2007).

Como podemos observar em Pessoa:

Intercessor ávido da geografia moderna, Delgado de Carvalho ao longo de seu trabalho fez severas críticas a inexistência de um rigor conceitual que se fizesse presente no ensino de geografia no Brasil. Em oposição ao que se fazia, o mesmo submeteu a apreciação um conhecimento geográfico menos ingênuo e mais científico, e o primeiro passo seria abominar de uma vez por todas a mera nomenclatura das salas de aula (PESSOA, 2007, P. 47).

Para Delgado de Carvalho a Geografia ensinada no Brasil, meramente mnemônica e com muitas terminologias traziam diversas limitações para a Geografia científica, a qual desejava estabelecer na sociedade brasileira. Divulgava a idéia que a ciência geográfica deveria defender fundamentos lógicos para atingir um nacionalismo patriótico verdadeiro e inteligente, travou uma batalha com o objetivo de transformar o ensino de Geografia nas escolas primárias e secundárias. “Também ofereceu como sugestão metodológica para os assuntos a serem abordados nas aulas de Geografia, que começassem sempre pelo meio em que vive o aluno” (PESSOA, 2007, p.47).